O clima está muito gostoso, leve. A Amora tem uma característica muito peculiar. Ela consegue fazer teatro dentro da televisão. As minhas primeiras cenas com a Castorine foi ela quem dirigiu. Ela começou a dirigir a gente, e eu falei: 'Caramba, Amora, você está fazendo um teatro aqui'. A Amora é uma excepcional diretora de atores. Para mim, que faço muito e venho do teatro, a Castorine também, a gente conseguiu aproveitar bem a Amora nesse começo, porque agora ela está muito na edição. Ela ainda dirige, mas está muito envolvida agora com a com a estreia, com a entrega de capítulos e tudo mais. Mas está tudo muito afinadinho.

- O que você achou do novo texto de Walcyr Carrasco?

O texto do Walcyr, junto com o Mauro Wilson agora, está mais divertido do que a novela anterior. A gente já recebeu bastante capítulos, e eu acho ele mais divertido. Walcyr

'O TEXTO DO WALCYR, JUNTO COM O MAURO WILSON AGORA, ESTÁ MAIS DIVERTIDO'

veio mais inspirado, porque tem essa responsabilidade. Você voltar com o sucesso que já teve... o público espera ver algo igual ou melhor. É tanto uma responsabilidade do Walcyr, quanto da direção nova, mas também dos atores, porque a gente tem que entregar o nosso melhor sempre. Na festa da novela, o Walcyr olhou para mim e falou: 'O Zé dos Porcos é o seu grande papel, né?'. Eu falei assim: 'Você acha?'. Ele falou: 'É o seu grande papel'. Falei: 'Poxa, muito obrigado pela oportunidade de reviver ele'. Ele disse: 'Não, você merece. A gente construiu juntos'.

- Você sentiu diferença no personagem em relação ao de 2016? Quais são os melhores momentos do Zé dos Porcos até agora?

TV GLOBO / FABIO ROCHA

Zé dos Porcos (Anderson Di Rizzi) vive romance com Maria Divina (Castorine) em 'Êta Mundo Melhor!'

O meu personagem tem 12 anos de idade, né. Ele não tem a maturidade de um homem, ele tem esse lado ingênuo, puro, do campo, do caipira, ele tem a malícia, mas não é a malícia de um cara da minha idade. A relação dele com a Maria Divina é, eu diria, adolescente. O que sustenta ela é o amor e a pureza. E a Amora trouxe algo diferente, que eu não esperava. Ela disse: 'Eu quero o Zé dos Porcos mais galã agora'. Eu falei: 'Galã? É sério?'. Ela falou: 'Sim, eu quero ele mais vaidoso'. Não é que ele vai virar um galã, mas ele está mais vaidoso, porque a Maria Divina o elogia como ele nunca foi elogiado antes por ninguém. Ele está se achando agora. Tem uma cena que ele vai para São Paulo e ela fala: 'Você tem que ir mesmo, vai, coragem, vai lá, vai dar tudo certo'... sabe? Ela coloca ele para cima.

- E você tem inspiração para fazer o Zé dos Porcos? Como tem sido a preparação?

Estou revisitando muito Mazzaropi. Começo a ver o filme e, quando tem alguma ceninha que eu pego umas coisas diferentes, volto, pego meu caderninho e anoto. Estou trazendo umas coisas diferentes também. O próprio (Charlie) Chaplin, eu gosto muito. Quando fui estudar o Zé dos Porcos, fui muito nesse universo. Também estou trazendo umas coisas de campo e tem coisas do meu pai. Ele é mineiro, da roça mesmo, então tem coisas que vivi, porque até o começo da minha adolescência, umas duas vezes por ano, eu ficava três semanas na roça, no meio dos bichos e com meus primos lá em Minas (Gerais). É um universo muito próximo ao meu. Esses dias, fui gravar uma cena tirando leite da vaca. O Alexandre Macedo falou: 'Cara, eu posso fazer a cena você já terminando de tirar o leite ou tirando o leite?'. Eu falei: 'Cara, meu pai me ensinou quando tinha 10 anos. Vamos tentar'. E deu certo.

- E falando da rotina do dia a dia, como está sendo conciliar a paternidade, agora que você é pai da Helena e do Matteo, com as gravações?

Eles estão em São Paulo, eu estou no Rio. Então, acabei alugando um lugar agora com uma área de lazer, pensando neles. Toda folguinha que tenho, venho para São Paulo. Quando dá, venho de avião, quando não dá eu pego um ônibus mesmo. Já teve dia que saí da gravação às 21h40 e tinha um dia e meio de folga. Falei para Thaís, minha mulher: 'Estou indo de ônibus agora, vou pegar 11 horas, fico amanhã e amanhã à noite volto de ônibus de novo'. Estou tentando dar uma amenizada na minha saudade e também no estranhamento deles, porque eles são muito pequenininhos, eles acham que, por exemplo, que ia gravar a novela, por uma semana e já acabou, não ia gravar mais. Eu falei: 'Não, filho, vai até fevereiro, papai vai ficar menos aqui agora. Quando der, vocês vão para lá'. Sou muito família, então gosto muito de estar perto deles. Cansa vir para cá e voltar, mas, poxa, sou tão recarregado de amor e carinho, que volto com mais com mais mais força.

- Como é voltar às novelas após 6 anos fora da televisão? Como está o coração para a estreia?

Gosto muito de fazer TV. As novelas são uma maratona. É uma corrida de Fórmula 1. Porque, assim como a corrida, se você pisa um pouquinho no freio na curva, você é ultrapassado no sentido de sair do foco, você não pode sair do foco.

- Qual é a importância do Zé dos Porcos na sua vida?

É o personagem que as pessoas

'ATÉ O COMEÇO DA ADOLESCÊNCIA, UMAS DUAS VEZES POR ANO, FICAVA 3 SEMANAS NA ROÇA'

mais lembram que eu fiz, era um sucesso, foi absurdo. Tem uma história que me marcou muito. Eu estava na clínica, trabalhando, e tem uma paciente que começou a fazer um protocolo. Um dia ela chegou para mim e falou: 'Anderson, eu posso te contar como que eu vim parar aqui?'. Eu falei: 'Claro, você veio pelo nosso Instagram, né?'. Ela falou assim: 'Então, eu vim por conhecer você, e aí eu vi o Instagram da clínica'. Ela não mora perto, mas explicou: 'Quando você estava fazendo Êta Mundo Bom!, minha mãe estava com câncer avançado, só que quando o seu personagem aparecia, eram os poucos momentos do dia que a gente conseguia ver minha mãe sorrindo. E quando ela faleceu, no meio da novela, a gente começou a ver, por causa dela'. Foi algo que me tocou muito.